

QUARESMA

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

A quaresma, como talvez o leitor não ignore, é um tempo em que os cristãos, com os exercícios espirituais da esmola, do jejum e da oração, procuram seguir a paixão e a pobreza de Cristo, para que a espera da Santa Páscoa tenha para eles toda a fecundidade e todas as alegrias de um puro desejo espiritual. São quarenta dias de preparação, de revisão geral, de um check-up de todos os recantos da alma, para não acontecer conosco o que aconteceu com as virgens loucas dos evangelhos, ou o que está claramente no responsório da imposição das cinzas: "ne, subito praecoccupati die mortis, quaeramus spatium paenitentiae, et invenire possimus".

A rigor, como a seus filhos lembra São Bento na sua *Regula Monachorum*, todos os dias da vida de um cristão deveriam estar em conformidade com o espírito da quaresma; mas porém são poucos os que chegam a tal perfeição, a Igreja instituiu neste período mais curto uma espécie de retiro, ou de curso intensivo, como hoje se diz, para que possamos rever a matéria esquecida nos dias do ano. É das motivações de tal estabelecimento, e daquelas palavras do Patriarca do Ocidente, que nos vieram ao espírito algumas considerações sobre a desmedida assimetria que existe entre o bem tão grande que nos é proposto e o zelo que nós julgamos suficiente para a procura de tal tesouro; e também sobre a desproporção ainda mais extraordinária que se estabelece entre um Deus Todo-Poderoso, Criador do Céu e da Terra, e o interesse que Ele parece achar em nossa companhia, e o zelo com que nos procura na poeira da mediocridade, e o empenho que tem de vir ao nosso encontro, de dilatar seus artigos, de afrouxar suas regras, de repetir suas advertências, como se fôsse Ele a parte interessada. Curioso espetáculo! A mediocridade alheia, nós bem sabemos como é desagradável, difícil de suportar, dura de carregar. A mediocridade alheia, ou o que determinamos que ela seja, é para nós um espantalho. Quem se lembraria de enfeitar a casa, de acordar cedo, em alvorço, para esticar guirlandas nos caminhos e estender tapetes no chão, quem se lembraria de preparar um banquete com o melhor vinho de suas adegas para receber um desses que achamos desinteressantes, que não sabem apreciar o vinho nem distinguir os arabescos dos tapetes? Pois é nisto, precisamente nisto, isto é, no fato de se haver oferecido por nós na cruz o Cristo Jesus, que se baseia todo o cristianismo. Poderemos ainda estranhar o que há de desconcertante no lado humano desse encontro de Deus com os homens? Na sua linguagem excessiva — tornada excessiva pelo amor, pela perplexidade e pelo sofrimento — Léon Bloy dizia do Espírito Santo que "sa fonction divine paraît être en vérité, depuis six mille ans, de nourrir les cochons chrétiens après avoir paturé les porceux de la Synagogue".

Curioso e provocante mistério esse da divina dileção e da divina misericórdia! O segredo, ou o princípio dele, talvez esteja no fato de sermos infinitivamente mais preciosos do que nos parece nos mais insensatos delírios de nosso orgulho. Anda espalhada uma idéia que é o contrário desta, e pela qual o orgulho seria um processo de valorização excessiva, errada porque excessiva, e a Igreja, sobretudo nestes tempos de quaresma, traz um ensino redutor, desvalorizador, e portanto retificador dos exageros do orgulho. Será para tirar a importância do homem que a Igreja, nos primeiros dias da quaresma convida os fiéis a baixarem a cabeça, e lembra que vieram do pó e ao pó voltarão? Será para nos acobardar que o padre traçou a cruz de cinza em nossa testa? para nos incutir um sentimento de inferioridade? um complexo? Mas está provado que o sentimento de inferioridade e o ressentimento não são feitos de humildade; ao contrário, são feitos do mesmo orgulho, às vezes até maior, com que se infla a soberba. Não pode pois ser aquela a intenção do Espírito que anima e santifica a Igreja. O ato de humildade proposto na quaresma, e mais enfaticamente na quarta-feira de cinzas é uma espécie de ortopedia: desloca o que estava deslocado, corrige a distorsão do egoísmo e do orgulho, que são exaltações tortas, com o critério da carne, com valorização máxima do que é exterior no homem. E assim fazendo, o ato de humildade restabelece a ordem e devolve à alma inflacionada a sua verdadeira dignidade.

Tanto se fala hoje de dignidade humana! O abuso da expressão in-

dica a crise, a falta, porque da abundância e da normalidade não se costuma falar. Não se costuma dizer em casa vinte vezes ao dia que há água nas torneiras, ou que as pessoas estão andando normalmente, sem dores ou emperros. Mas havendo falta, a coisa ausente torna-se assunto e acaba sendo uma mera forma verbal. O que está constantemente em risco no mundo de nossos dias é precisamente essa saúde fundamental da alma que se chama consciência da dignidade, da importância que tem uma pessoa humana. As formas totalitárias da política são atentados violentos, diretos, sistemáticos, contra a quarta dimensão que faz o homem ser homem; e é por isso que o bom democrata cristão deve repudiar, como pecado máximo da atividade política, todas as tendências de direita ou de esquerda que levam a esse mesmo triste resultado. Mas não é só a forma política do regime que fere a dignidade fundamental da pessoa humana, é também o costume. Ora, o que se vê dá para desconfiar da existência de uma equipe de demônios e de uma técnica de aviltamento eficaz e coletivo. Não falo do que se faz no carnaval em matéria de licenciosidade sexual, que é aliás um dos modos mais garantidos de desumanizar o homem. Falo de algo mais penetrante e mais geral do que os pecados contra a castidade, e bem sei que é difícil abordar este assunto sem risco de parecer senil ou ressentido. Tenho visto que os escritores de vistas largas, os jornalistas, os homens públicos, todos adotam uma atitude de tolerância, uma benevolência que parece feita de ternura humana, de compreensão liberal, e assim aparecem nimbados de simpatia, enquanto nós outros, que torcemos o nariz, aparecemos como antipáticos personagens que não amam o povo e suas mais vulgares manifestações. Hoje é preciso mais coragem para falar mal do carnaval do que para falar mal do Ministro da Guerra. Não me gabo de possuir tal coragem, mas talvez possa gabar-me de não precisar muito dela, porque já não estou tão apegado ao que me podem tirar os favores do público. Quando o público der sinais de estar cansado de mim, descansarei eu. E aos simpaticísimos defensores dessa miséria oficializada que faz do brasileiro um espetáculo de mau gosto para os turistas que já não tenham vulcões ou catedrais para fotografar, pergunto se gostariam de ter o retrato da filha ou da irmã dentro de uma das fantasias premiadas; se gostariam de ter um filho, um filho homem, esperança de sua velhice, dentro daquela fantasia de chinês que tirou o prêmio, ou das outras que encheram a página de uma de nossas revistas, com este gracejo: Eles também... Todo o mundo entende, e os fotografados devem estar felicíssimos com o fato de todos entenderem. Insisto na pergunta: queriam ter aqui o filho, acolá a irmã, a esposa, a filha? Mas se não queriam, onde está o amor, onde está então meus senhores, o valor daquela simpatia, o mérito daquela tolerância. A antipatia de quem reclama valores morais pode bem, em alguns casos, ser alimentada de ressentimento e de neurose; mas se há amor neste mundo, se alguém está pronto a reconhecer uma misteriosa e terrível semelhança entre sua filha, sua mãe ou sua esposa e aquelas mulheres, isto só pode acontecer com os antipáticos que reclamam, e não com os simpáticos que toleram. Puderam se nada lhes dizem esses rostos desconhecidos, não é difícil ter uma atitude de infinita complacência.

Uma das coisas graves de nosso tempo não é somente a licenciosidade, é também o ridículo que atribuem a quem reclama a dita licenciosidade. É contra essa degradação cada vez mais generalizada que o espírito de quaresma se levanta com lições de humildade e com advertências de temor. Lembra-te homem que és pó e ao pó voltarás, o que quer dizer: não é aquilo que mais valorizas que é realmente o máximo de ti. Essas fantasias de quatrocentos contos

postas em cima de monstruosidades morais mostram bem até que ponto os homens passaram a idolatrar o pó, o nada de que são feitos, com esquecimento da pérola escondida e esquecida. Agora mesmo, entre duas frases escritas neste artigo, chegou-me a notícia da morte de um moço que vi nascer. Vejo um pé de vento; às vezes o torvelinho levanta o pó dos caminhos, e o pó toma a forma estranha de um ser que cresce, anda, gesticula, ri e chora. Quando o vento amaina, o pó assenta e a forma desaparece. Então? Será só isto o mundo e a vida? Mas não esqueçamos que tudo o que a quaresma diz está orientado para uma preparação, para um polo, que é vida e ressurreição. Curvemos a cabeça, amigo, para que Deus nos levante.